ADMINISTRAÇÃO-GERAL DOS CORREIOS, TELÉGRAFOS E TELEFONES

HOMENAGEM AO CORREIO-MOR

26 de Agosto de 1953

EDIÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DOS C. T. T.

NO VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO
DA INVESTIDURA DO ENGENHEIRO
LUIS DE ALBUQUERQUE COUTO DOS SANTOS
NO CARGO DE
ADMINISTRADOR-GERAL
DOS CORREIOS, TELÉGRAFOS E TELEFONES

Esta publicação, que arquiva o relato e principais aspectos da homenagem que pùblicamente foi prestada ao Engenheiro Luís de Albuquerque Couto dos Santos, no XX aniversário da sua investidura como Administrador-Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones, foi mandada editar por despacho de S. Ex.ª o Ministro das Comunicações, de 2 de Outubro de 1953.

NOTÍCIA BIOGRÁFICA

O Engenheiro Luís de Albuquerque Couto dos Santos, 4.º Administrador-Geral dos Correios e Telégrafos e 14.º Correio-Mor, nasceu no Porto em 10 de Agosto de 1896. Depois de concluir o curso dos liceus naquela cidade foi para a Bélgica estudar engenharia. A guerra de 1914-18 obrigou-o a regressar a Portugal, pelo que se matriculou em preparatórios de engenharia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto para em seguida obter formatura na Faculdade de Engenharia, em 1920.

De Outubro de 1918 a Julho de 1920 foi assistente na Faculdade de Ciências do Porto e de 1920 a 1929 da Faculdade de Engenharia da mesma cidade, sendo provido, por concurso, em professor auxiliar da mesma Faculdade neste último ano.

Durante a sua permanência no Porto serviu como engenheiro-chefe das Oficinas da Companhia Carris de Ferro daquela cidade, engenheiro-inspector das obras da Santa Casa da Misericórdia do Porto e pertenceu à direcção da Associação dos Engenheiros Civis do Norte de Portugal.

De Junho de 1929 a Julho de 1932 foi chefe de gabinete do Ministro do Comércio e Comunicações, Dr. João Antunes Guimarães, após o que regressou à sua Faculdade.

Em Agosto de 1933, o Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Engenheiro Duarte Pacheco, convidou-o para, interinamente, desempenhar o cargo de Administrador-Geral dos Correios e Telégrafos, no qual foi promovido definitivamente em 18 de Março de 1938.

Fez parte do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, do Conselho Superior de Obras Públicas e da Junta Nacional de Educação. É Delegado do Governo junto das Companhias Reunidas Gás e Electricidade. Tem as seguintes condecorações: Grande Oficialato da Ordem de Cristo; Comenda da Ordem da Coroa, de Itália; Medalha de bons serviços da Legião Portuguesa; Medalha de Ouro dos CTT.

DOCUMENTÁRIO DA INAUGURAÇÃO DA CENTRAL TELEGRÁFICA DE LISBOA, DA CANTINA DAS OBRAS SOCIAIS DOS CTT E OUTRAS MANIFESTAÇÕES DE APREÇO POR OCASIÃO DA HOMENAGEM PRESTADA AO CORREIO-MOR

Um aspecto do edifício onde está instalada a nova Central Telegráfica de Lisboa

I

NA CENTRAL TELEGRÁFICA

A inauguração da nova Central Telegráfica, no grande edifício da Praça de D. Luís, constituiu cerimónia fundamental da consagração do Correio-Mor, Eng.º Couto dos Santos.

O vasto edifício, situado em local magnífico, tem cinco pisos. No rez-do-chão e 1.º andar instalaram-se serviços telegráficos; o 2.º andar foi destinado a serviços telefónicos; o 3.º a serviços da Circunscrição de Exploração da Estremadura e Obras Sociais; o 4.º, está reservado a futuros serviços das Obras Sociais.

A nova Central Telegráfica foi inaugurada na tarde de 26 de Agosto pelo Sr. Ministro das Comunicações, que era aguardado à entrada do edifício pelo Correio-Mor, Administradores-Adjuntos, Directores de Serviços, Chefes de Repartição e por mais de um milhar de funcionários. Achavam-se também presentes numerosas individualidades de outros ministérios e companhias concessionárias dos CTT, e um grupo de amigos pessoais do Correio-Mor.

A inauguração iniciou-se pela visita às instalações. O que à primeira vista, e num exame superficial, distingue a Estação Central Telegráfica da Praça de D. Luís da antiga Estação instalada na Praça do Comércio é a ausência completa de aparelhos telegráficos Morse, Hughes e Baudot. Com efeito, todo o serviço é escoado pelos modernos aparelhos teleimpressores, por tubos pneumáticos ou pelo telefone.

Os teleimpressores destinam-se ao serviço público nas comunicações de tráfego elevado e nas linhas internacionais em circuitos terrestres; e também ao serviço particular dos assinantes do serviço Telex, cuja procura cresce dia a dia e que está destinado a grande desenvolvimento nas relações com o estrangeiro.

A rede pneumática é utilizada para o transporte dos telegramas entre a Estação Central, as Companhias Concessionárias e algumas das principais estações de Lisboa.

Pelo telefone, além da aceitação e transmissão de telegramas aos assinantes da rede telefónica de Lisboa — telegramas telefonados — permuta-se também o serviço com as estações de pequeno tráfego — fonogramas —.

A Estação Central da Praça de D. Luís dispõe de um comutador manual para 90 linhas de teleimpressor, com 4 posições, um outro para serviço Telex, para 20 linhas, com 1 posição — em ampliação para 60 linhas e 2 posições —. Tem 60 posições para serviço a teleimpressor, 5 tubos pneumáticos, 2 dos quais para serviço dentro do edifício e 28 posições de telegramas telefonados e fonogramas. O transporte dos telegramas entre estas várias posições, far-se-á por um moderno sistema de transportadores mecânicos a instalar no princípio de 1954.

Discurso do Correio-Mor

Finda a visita às instalações, todos se reuniram numa vasta sala, ainda vasia, onde o Correio-Mor pronunciou o seguinte discurso:

O problema da edificação da Casa dos CTT na capital é já antigo. Remonta a 1816, ano em que se fez a primeira tentativa para a erguer. Tentativa inútil, porque, como todos sabem, o palácio dos CTT não apareceu nessa época. Mais tarde foi elaborado outro projecto por alguém que, então, ocupava lugar modesto nos correios: Alfredo Pereira, que haveria de ser conselheiro de Estado e Director-Geral dos Correios e Telégrafos. Em 1877, quando ainda não sonhava com as situações a que haveria de ascender,

Um aspecto da moderna aparelhagem da nova Central Telegráfica

O Correio-Mor discursando na inauguração da Central Telegráfica

guiado pela mão prudente de Guilhermino de Barros, outro grande nome da crónica passada destes serviços, Alfredo Pereira elaborou, de facto, o projecto do que então se dizia o «palácio dos Correios». Trabalho que também não passou do papel. Outros, como esse, apareceram depois, mas ninguém conseguiu fazê-los passar de simples ambições a realidades palpáveis. Já no tempo dos actuais dirigentes dos CTT voltou a encarar-se a possibilidade de se construir o palácio e, de acordo com o desejo manifestado pelo Governo, designadamente pelo sr. Presidente do Conselho, essa construção foi incluída no plano das nossas edificações. Saiu um decreto que mandava erguê-la no parque Eduardo VII. Albergaria o conjunto de todos os nossos serviços e deveria custar cerca de 21.500 contos. Quando se trata de construir grandes edifícios públicos, não falta colaboração, mas essa colaboração, tão desejosa de ajudar, impediu até hoje a realização do projecto, mais do que centenário, dos homens dos CTT. E não só a impediu como fez com que a Casa dos CTT se fraccionasse e parte dela viesse parar à praça de D. Luís.

As coisas passaram-se deste modo certamente porque Deus o quis — continuou dizendo. *Não há portanto que as discutir. Este edifício ficou concluído em 1951, ano em que foi simbòlicamente inaugurado por se encontrar completamente vazio. Dificuldades financeiras nos impediram de o ocupar ràpidamente com as instalações que justificaram a sua construção. Só hoje aqui fica a Central Telegráfica. Para podermos transferir a Central Telefónica teremos de recolher da província material usado, aquele que a automatização progressiva dos grupos de redes vai libertando, e que só depois de readaptado ficará em condições de aqui se aplicar.*

... ...

Gostaria que V. Ex.as tivessem conhecimento de alguns números. Dois apenas: o custo da construção — cerca de 30.000 contos — e o do terreno, que foi de 1.600 contos.

Como vêem, porque as coisas se não fizeram na oportunidade desejada, gastou-se bastante mais do que o previsto na nossa lei de reconstituição económica, e assim mesmo obteve-se apenas uma parte do que oportunamente se previra.

•

Senhor Ministro, mal sabia eu, há poucos dias, quando V. Ex.ª quis que o acompanhasse numa rápida visita a esta mesma casa para recebermos o sr. Ministro dos CTT de França, que a actividade espantosa que observámos tinha por móbil uma traição... ditada por nobres sentimentos: a de fazer antecipar a inauguração da Central para que ela se realizasse neste dia, afinal de contas igual a todos os outros. É este realmente um dia de surpresas: a surpresa da presença de V. Ex.ª, a surpresa da inauguração da Central no dia em que faz 20 anos que entrei para esta Casa. Até uma surpresa suplementar: com grande alegria minha, puseram hoje sobre a minha mesa de trabalho, o Anuário dos CTT relativo ao ano findo. Sinto-me desvanecido, rendido, mas ao mesmo tempo confundido, porque — repito — não posso deixar de considerar o dia 26 de Agosto como qualquer outro. Eu próprio sou um homem como outro qualquer, capaz de trabalhar — e há muitos assim — sem fitar os olhos no ganho, sequer nos agradecimentos.

Que fiz eu, afinal? Enquadrado na felicidade de uma época nada mais fiz do que polarizar milhares de boas vontades. E então surgiu uma obra, que é de todos. Essa obra parece ter-se materializado suficientemente para, através dos tempos, alcançar julgamento de uma ou duas gerações além da nossa. Trabalhamos com uma inteligência e uma ética severas. Servimos com firmeza e persistência. Tentamos melhorar a instituição e a sua mecânica, dignificar os seus servidores. Desejamos criar

Aspecto da assistência à inauguração da Central Telegráfica

escola nova. O mundo dirá dos nossos merecimentos. Consideradas as coisas para além das suas próximas causas e imediatos efeitos, consinta Deus que nos tomem por gente de boa vontade. Isto bastará para recompensa da vida que se viveu.

*

Se é insignificante a minha pessoa, notável terá de considerar-se a época em que vivemos. Da selvajaria estúpida e degradante de outrora, conseguimos conquistar o nosso lugar na Europa. Assistimos a notáveis acontecimentos. Entre eles ao de um homem, duas vezes na vida, receber do Governo a incumbência de gastar, em favor da grei, centenas de milhar de contos. Por minha mão já se aplicaram no 1.º estabelecimento dos CTT 750.000 contos em 20 anos. Vislumbro a possibilidade de gastar outro tanto nos 6 anos próximos. Uma grande emoção me prende. Faz-se, dentro em mim, um grande silêncio respeitoso. Só me ocorre pronunciar as palavras maravilhosas do santo padre Cruz: «Fazei-me conhecer, Senhor, a Vossa vontade e concedei-me a graça de a cumprir fielmente».

Discurso do Ministro das Comunicações

Depois de afirmar que eram sempre de gentileza as palavras com que o Correio-Mor se lhe referia em actos oficiais, agradeceu a calorosa manifestação que lhe foi dispensada a pedido do Correio-Mor, afirmando logo que neste dia todas as ovações deviam ser oferecidas ao Administrador-Geral pela passagem do 20.º aniversário das suas funções.

*

Em referência à inauguração a que procedemos não poderei dizer a V.as Ex.as mais do que descreveu há pouco o engenheiro Couto dos Santos. O que se inaugura — este grande edifício e a primeira Central Telegráfica do nosso País — é qualquer coisa de muito importante para a população portuguesa, mas o Correio-Mor já concretizou o grande valor destas realizações em face dos interesses da mesma população. É por isso que oriento em outro sentido as minhas primeiras palavras. Sabem V.as Ex.as que a Administração-Geral está incumbida da exploração de três importantes serviços: o postal, o telegráfico e o telefónico. Do progresso de cada um desses serviços há hoje provas que considero irrefutáveis. Através de um largo inquérito em que já foram ouvidos milhares de utentes e que prossegue recolhendo um número cada vez maior de indicações elucidativas, pôde saber-se que o serviço postal é completo e perfeito e que só teremos de o manter no nível em que se encontra, embora alargando-o à medida que o aumento das necessidades económicas ou de outra natureza o imponha. Pelo mesmo inquérito se soube também que o serviço telegráfico tem melhorado grandemente e está a corresponder quase inteiramente às exigências do momento. Só não é possível dizer o mesmo do serviço telefónico. As declarações feitas no inquérito, embora não releguem o

serviço a um baixo nível de eficiência, não o classificam como aos outros a que me referi, e o próprio Correio-Mor reconhece a inferioridade desse serviço ao propor ao Governo o emprego do mínimo de 80 por cento do empréstimo do Plano de Fomento na ampliação e melhoria das condições da Rede Telefónica Nacional. De toda a maneira se é obrigado a perfilhar a opinião de que os CTT estão hoje num bom caminho, mas suponho que, decorridos os próximos 6 anos, melhor, bem melhor, será a sua forma. Creio que, nessa altura, poderemos dizer que as condições do serviço telefónico se equiparam perfeitamente às actuais condições do serviço postal.

Deus permita que assim seja e que V.as Ex.as possam continuar a dar colaboração dedicada e leal, isto é, essa mesma colaboração que até agora têm sabido dar à tarefa de reorganizar os CTT.

•

Fez ainda breves considerações sobre o vasto plano de edificações executado pela Administração-Geral, depois do que passou a referir-se ao 20.º aniversário da nomeação do engenheiro Couto dos Santos para o mais alto cargo dos CTT:

Eu não podia deixar de estar em Lisboa neste dia — disse. *Tinha de vir aqui para afirmar em nome pessoal e no do Governo, a alta consideração em que são tidos a inteligência e o carácter do engenheiro Couto dos Santos. É com a maior alegria que venho saudá-lo e, também em meu nome e no do Governo, agradecer-lhe pùblicamente os altos serviços que tem prestado ao País, por certo não menos reconhecido.*

Foi instituída pela última reforma orgânica dos CTT — prosseguiu — *uma medalha para galardoar serviços de funcionários que mereçam tão alta prova de consideração desta Administração-Geral. A insígnia tem três classes a que correspondem, respectivamente, as condecorações de cobre, prata e ouro. Tenho tido, desde que me encontro no Ministério das Comunicações, a satisfação de conferir algumas medalhas de prata e de cobre a vários funcionários com longa e prestimosa carreira nos CTT, mas, até agora, não me fora dado distinguir alguns deles com a mais honrosa insígnia. Hoje tenho, porém, a felicidade de a colocar no peito do Correio-Mor para premiar os seus muito notáveis serviços em 20 anos de exercício das suas funções na Administração-Geral.*

Neste sentido foi-me bastante grato lavrar o seguinte despacho:

O Sr. Engenheiro Luís de Albuquerque Couto dos Santos vem desempenhando há vinte anos o cargo de Correio-Mor com inexcedível zelo e dedicação pelo serviço, evidenciando grandes qualidades de trabalho e inte-

O Ministro das Comunicações condecorando o Correio-Mor

ligência na realização da política definida pelo Governo em matéria de serviço e telecomunicações. O engenheiro Couto dos Santos contribuiu assim, em grande medida, para a eficiência e o prestígio do organismo cuja administração lhe foi confiada, pelo que tem inegàvelmente jus à atribuição da medalha de ouro dos CTT ainda não concedida, e criada pelo Governo para galardoar serviços considerados de excepcional merecimento. Nestas condições, o Ministro das Comunicações confere ao engenheiro Luís de Albuquerque Couto dos Santos a medalha de ouro (a).

Após a leitura, colocou a insígnia no peito do engenheiro Couto dos Santos, a quem abraçou efusivamente, enquanto a assistência o ovacionava e ao agraciado.

(a) Despacho do Ministro das Comunicações de 7 de Agosto de 1953 in «Diário do Governo» de 26 de Agosto de 1953 — 2.ª série.

Discurso do Director dos Serviços Administrativos

Discursou depois o Director Joaquim Correia, um dos mais próximos colaboradores do Correio-Mor nos vinte anos completados na data que se consagrava, que disse em nome do pessoal:

Que as minhas primeiras palavras sejam de saudação e de rendido agradecimento a V. Ex.ª, Senhor Ministro, pela subida honra que nos dá dignando-se vir, com a sua prestigiosa presença, dar lustre e maior solenidade às singelas celebrações deste dia, demonstrando, mais uma vez, o interesse e carinho que os problemas dos CTT sempre lhe mereceram.

É hoje dia de festa para nós. Festa duplamente grata ao coração de quantos compõem a prestimosa e grande família dos CTT, mesmo daqueles que, dispersos por todo o País e a estas horas entregues, devotadamente, às duras lides da sua profissão, aqui não puderam comparecer.

Acaba V. Ex.ª de inaugurar mais um novo e importante melhoramento que ficará, como tantos outros já introduzidos nos nossos serviços, a assinalar, brilhantemente, um novo passo em frente, no caminho do ressurgimento que há 20 anos se vem corajosamente percorrendo neste vital departamento da economia nacional.

Enriquecidos com instalações providas já com as mais modernas inovações da técnica, ficarão os CTT em condições de satisfazerem melhor as necessidades sempre crescentes do público e desempenharem mais eficientemente o papel que lhes cabe dentro da complexa orgânica do Estado.

Não podem deixar de regozijar-se também os funcionários a quem vão ser confiadas estas instalações e aparelhos.

Com efeito, além de um mais apropriado ambiente e cómodas condições de trabalho, encontrarão, ao mesmo tempo, maiores facilidades na utilização dos aparelhos, por forma a tirarem deles rendimento normal, com menor dispêndio de energia física.

Seguidamente, quis V. Ex.ª aproveitar esta ocasião para dar público testemunho de apreço ao Engenheiro Couto dos Santos, colocando-lhe ao peito a medalha de ouro dos CTT que V. Ex.ª, por seu despacho de 7 do corrente, se dignou conferir-lhe, em reconhecimento dos excepcionais merecimentos que concorrem na pessoa ilustre do Correio-Mor.

E se o Engenheiro Couto dos Santos tem justificadas razões para se sentir legìtimamente desvanecido com tão eloquente manifestação de apreço, não menos orgulhosos se sentem todos aqueles que têm a honra de fazer parte desta corporação de tão velhas como prestigiosas tradições, ao verem, oficialmente, e por forma tão expressiva, consagrado o valor do mais alto e distinto funcionário dos CTT.

Tendo sido investido, interinamente, no cargo de Administrador-Geral dos CTT em 26 de Agosto de 1933, o Engenheiro Couto dos Santos tais e tão exuberantes qualidades revelou no exercício desse cargo que o governo, decorridos menos de 5 anos, lhe conferia o provimento definitivo.

Para confirmar o acerto da escolha, bastará lembrar aqui alguns passos bem significativos do discurso que o saudoso e dinâmico Ministro Duarte Pacheco, que tão valiosa e grandiosa herança legou ao País, pronunciou, — ele que tão avaro era de elogios, — na sessão de homenagem que os funcionários dos CTT prestaram ao Engenheiro Couto dos Santos por ocasião do 10.º aniversário da sua entrada na Corporação e da oferta que lhe fizeram das insígnias do Grande Oficialato da Ordem de Cristo com que, já então, havia sido agraciado:

«Há dez anos, quando escolhi o engenheiro Luís de Albuquerque Couto dos Santos para o alto e espinhosíssimo cargo de Administrador-Geral dos Correios, eu tinha, então, uma intenção e formulava uma esperança, — a intenção de impulsionar o ressurgimento desta Instituição, que outrora tivera em Portugal merecido prestígio; alimentava a esperança de que encontraria no Engenheiro Couto dos Santos, por aquilo que já conhecia do seu saber, da sua ponderação e do seu ardente desejo de servir aberta e completamente o bem comum, — dizia eu que alimentava a esperança de encontrar nele o dirigente capaz de realizar essa intenção.

«Não foi preciso que decorresse muito tempo para me convencer de que, ao menos desta vez, o Ministro acertara. A escolha, aliás, feita através de muitas dificuldades, tinha sido feliz. Eu pusera, realmente, à frente da Administração-Geral dos Correios e Telégrafos um homem raro, raro pelas suas virtudes, pela sua dedicação ao bem público e pela sua firmeza.»

«Pouco mais direi. Apenas isto: tenho muita satisfação em, na presença de tantos funcionários dos Correios, reafirmar o juízo que, acerca da personalidade do Engenheiro Couto dos Santos, já muitas vezes tenho expresso — considero-o um dos melhores funcionários do Estado, um dos melhores servidores da Nação. A confiança que nele deposito tem sido cada dia que passa mais robustecida. Ele merece cada vez mais ser possuidor da confiança do Governo no desempenho da sua missão».

Tal o homem que há 20 anos os CTT têm como seu Chefe supremo. Estamos certos de que se hoje, decorridos mais 10 anos, vivo fosse ainda o insigne estadista que proferiu aquelas palavras, ele não lhes alteraria um ponto, antes as ratificaria para pôr ainda em maior relevo os altos merecimentos que o Engenheiro Couto dos Santos continuou a revelar. E o grande Ministro teria agora a suprema consolação de verificar que não falhara no seu profundo conhecimento dos homens e na sua larga visão das coisas.

*

A sua afirmação de que a escolha fora feita através de muitas dificuldades, não foi feita de ânimo leve. Os da minha geração sabem bem quanto era precária e instável, antes da Revolução Nacional, a vida e posição dos Administradores-Gerais dos Correios e Telégrafos, sempre sujeitos às incertezas e flutuações da baixa política partidária.

Por isso, o lugar não era invejado por quem só estivesse habituado a servir com dignidade e sacrifício a causa pública. É certo que por cá passaram homens de boa-fé, reconhecido valor e de insuspeita honestidade. Mas, esses, aceitaram as responsabilidades do cargo, mais por dever de obediência do que por espontâneo desejo ou vanglória de o ocuparem. Não era, pois, de surpreender que, a breve trecho se sentissem alijados pelas secretas e, por vezes, incompreensíveis conveniências dos grupos políticos, ou que, desapoiados, desiludidos e desalentados perante obstáculos que não podiam transpor, resignassem, voluntàriamente, o cargo.

Não faltava, certamente, a alguns desses homens o desejo de bem servirem o seu país, neste importante sector do serviço público. Tampouco lhes faltou a dedicação e colaboração leal e sempre pronta dos funcionários dos CTT. Faltou-lhes, sim, persistência, energia e, principalmente, um programa: o estudo e defesa de um plano de realizações que há muito se impunha, que comportasse a renovação e modernização do material e instalações e pudesse merecer a concessão, por parte dos Governos, dos meios financeiros que garantissem a metódica e gradual execução de obra de tanta monta.

Corajosamente tomou o Engenheiro Couto dos Santos, então na plenitude da vida, o encargo de meter ombros à ingente tarefa que hoje, anos volvidos, podemos admirar em pleno desenvolvimento. Caber-lhe-á, também, se Deus quiser, a glória de ver realizada, integralmente, essa obra que com tanta inteligência delineou e projectou.

Será a merecida recompensa da sua incansável actividade a desdobrar-se em múltiplas modalidades, num dispêndio de esforços, tão persistente, que dir-se-ia alimentado por milagrosa e inexaurível fonte de energias. Singular constituição a do homem que de há 20 anos a esta parte não afrouxou o ritmo do trabalho que a si próprio se impôs, insensível ao desgaste a que o tempo, inexorável e impiedoso, não poupa a nossa humana condição.

Não cabe aqui fazer enumeração pormenorizada da fecunda actividade do Engenheiro Couto dos Santos nestes 20 anos inteiramente consagrados à grandeza e progresso dos CTT. E, menos ainda, a análise da sua notabilíssima obra que só mais tarde se poderá fazer com imparcialidade.

Os contemporâneos, turvado o raciocínio pela poeira das paixões, raramente sabem prestar justiça integra àqueles que, na sua época, conseguem elevar-se muito além da linha média da vulgaridade. Deixemos, por isso, aos vindouros o encargo de saldarem essa dívida sagrada e demos tempo à História para emitir, sobre as obras humanas, os seus incorruptíveis juízos.

Mas não será demais enunciar, mesmo a traços largos, alguns aspectos dessa dignificante vida de trabalho.

Foi o saudoso Ministro Dr. Antunes Guimarães que, em 1929, se lembrou de ir arrancar à tranquilidade das funções que exercia no magistério universitário o engenheiro Couto dos Santos para lhe confiar o lugar de Chefe do seu Gabinete.

Mas está escrito que só os imprevisíveis desígnios de Deus imprimem rumo à vida dos homens e o Engenheiro Couto dos Santos estava, então, muito longe de supor que as brilhantes provas que ia dar no cargo para que fora nomeado, o predestinariam para lugar de mais altas responsabilidades na administração pública: o de Administrador-Geral dos Correios e Telégafos.

Ao iniciar em 1933 a administração dos serviços dos CTT encontrou-se o Engenheiro Couto dos Santos perante graves problemas.

A todos sobrelevava o de natureza financeira. Promulgou imediatamente medidas de apertada fiscalização das despesas e modificou as normas que regulavam a elaboração do orçamento.

Ao Engenheiro Couto dos Santos se deve a elaboração do 1.º orçamento da gerência de 934/35 com a inclusão do valor dos bens que constituiam o património privativo dos CTT. O valor patrimonial então apurado foi de 61.600 contos. De então para cá, o valor das despesas de 1.º estabelecimento nestes 20 anos decorridos, elevou-se a 750.000 contos dos quais se despenderam só no último decénio 600.000.

A importância de 750 mil contos despendida em 1.º estabelecimento teve origem:

	CONTOS		CONTOS
Em empréstimo da Lei n.º 1959	*417.000*	*Em receitas próprias dos CTT*	*334.000*

Da merecida confiança que a sua orientação e honestos processos de trabalho inspiraram ao Governo, veio o Engenheiro Couto dos Santos a colher os melhores resultados e, postos à sua disposição os necessários meios financeiros, pôde lançar-se abertamente na solução dos restantes problemas.

Em Agosto de 1936, após profundo e cuidadoso estudo, apresentou o Engenheiro Couto dos Santos ao Governo o seu Plano Geral de Trabalhos que, entre outros melhoramentos, compreendia, essencialmente, a remodelação e renovação de instalações e traçados telegráficos e telefónicos, a construção de novos edifícios e a beneficiação dos antigos.

Em Março de 1937 foi pelo Governo submetida à Assembleia Nacional a proposta de Lei respectiva que veio a ser, logo em Agosto seguinte, convertida na Lei n.º 1959, que veio dar ao Engenheiro Couto dos Santos as facilidades financeiras necessárias para se lançar afoitamente à execução do vasto plano que delineara. E assim se abriu um período áureo na vida e progresso dos CTT.

Para se fazer ideia da grandeza da obra realizada de 1933 até hoje bastará citar alguns números de impressionante significado:

Estações telefónicas:

em 1933	*410*
em 1953	*860*

Extensão das redes telefónicas locais:

em 1933	*11.000*	*Km.*
em 1953	*75.000*	*Km.*

Extensão da rede interurbana e regional:

em 1933	*25.000*	*Km.*
em 1953	*180.000*	*Km.*

Edifícios ocupados para instalação dos serviços:

em 1933	*566*
em 1953	*960*

Estações e postos do correio:

em 1933	*6.900*
em 1953	*9.060*

Postos telefónicos:

em 1933 13.000
em 1953 70.000, sendo 20.000 automáticos

Só a guerra de 1939, com todas as inevitáveis perturbações que trouxe à vida e economia dos povos e as severas restrições impostas pelos Governos dos países exportadores à saída de materiais, veio entravar a marcha regular dos trabalhos e impedir que mais longe se levasse a obra.

No entanto, lutando-se contra inúmeras dificuldades, a obra prosseguiu, embora mais lentamente, e, finda a guerra, os trabalhos voltaram a intensificar-se com redobrado entusiasmo.

O novo auxílio financeiro que o Governo fixou para os CTT no seu Plano de Fomento continuará a alimentar o esforço e ânsia do progresso que estão na base de toda a prodigiosa actividade do Engenheiro Couto dos Santos.

Esperemos que Deus lhe conceda ainda largos anos de vida para que possa continuar a pôr todo o seu desinteressado esforço e fulgores da sua esclarecida inteligência ao serviço da Nação.

E agora, Senhor Correio-Mor, serão directamente para V. Ex.ª as minhas últimas palavras.

São para exprimir a V. Ex.ª a profunda gratidão de todos aqueles que, sem distinção, têm encontrado assistência moral e material no seio da admirável obra de bondade e ternura que o coração de V. Ex.ª amorosamente concebeu e o seu esforço tornou esplendorosa realidade.

Essa obra, que já vai envolvendo em generoso amplexo todo o pessoal dos CTT, não mais poderá morrer, animada como está pelo espírito de evangélica caridade. Ao calor do seu generoso amparo, muita lágrima se tem secado e muito sofrimento tem encontrado ali consolador refrigério.

Refiro-me às «Obras Sociais dos CTT».

Bastariam elas para aureolar de espiritualidade o nome de V. Ex.ª, e perpetuá-lo não só no coração dos actuais funcionários como no das gerações que, nesta casa, nos sucederem.

É, pois, em nome dos nossos 12 mil funcionários e suas famílias que digo a V. Ex.ª, Senhor Correio-Mor, um sincero e enternecido «bem haja»!

Breves Palavras do Correio-Mor

O Engenheiro Couto dos Santos voltou a falar para exprimir o seu reconhecimento, e dirigiu-se ao Ministro:

Peço licença a V. Ex.ª para voltar a usar da palavra e a V.ªˢ Ex.ªˢ peço também um pouco de paciência para me ouvirem novamente. De facto, as surpresas estão a exceder a medida.

Senhor Ministro — disse — *não tenho ilusões a meu respeito, pois sei bem que sou, como já aqui declarei, um homem como outro qualquer. Além disso, cansado e envelhecido. De vez em quando, ainda sinto um resto de energia, que faz com que para cada sacrifício surja um entusiasmo e para cada injustiça uma indignação. Confronto-me, sobretudo nos defeitos, com aquele personagem que apareceu num filme recente — D. Camilo e o seu pequeno mundo. As vezes, sinto-me D. Camilo, correndo o risco de não passar de D. Quixote.*

Senhor Ministro, quero agradecer a V. Ex.ª, rendidamente, as suas amabilíssimas palavras, mas agradeço sobretudo a amizade que as dita. A medalha dos CTT surgiu na reorganização de 1947, mas, na realidade, foi criada pelo Senhor Dom Carlos I e abolida pela demagogia. O Governo do Estado Novo corrigiu o erro, restabelecendo-a. Com grande prazer tenho levado à mesa de V. Ex.ª, para aprovação, propostas

de concessão de medalhas que hoje brilham nos peitos honrados de alguns dos meus colaboradores. Quero dizer-lhes, na presença de V. Ex.ª, que muito honrado me sinto hoje por ter em meu peito medalha igual.

Senhor Ministro, queira Deus que V. Ex.ª se mantenha à frente desta pasta por muitos anos. As mudanças ministeriais são pouco benéficas para o progresso dos povos.

A V. Ex.ª se deve todo aquele conjunto maravilhoso das Obras Sociais a que o Director Joaquim Correia fez referência. É uma novidade nos serviços públicos portugueses, é talvez uma experiência para repetir noutros lados com igual fé e igual caridade. E assim teremos demonstrado, como D. Camilo a Peppone, que não é preciso ir a outro sitio buscar a felicidade. Somos capazes de a encontrar, sòzinhos.

Sala de jogos do Centro de Desporto, Recreio e Cultura do Pessoal dos C T T em Lisboa

II

INAUGURAÇÃO DA CANTINA DA PRAÇA DE D. LUÍS NA NOITE DE 26 DE AGOSTO

No edifício da Central Telegráfica inauguraram as Obras Sociais dos CTT mais uma cantina, que é a terceira a funcionar em Lisboa, com capacidade para 200 pessoas. Montada com todos os requisitos que a nossa época exige em asseio e condições de higiene, a nova cantina está preparada para servir também jantares, o que não é usual em fundações semelhantes, e para aquecer pequenas refeições que os funcionários levem de suas casas por questão de maior economia, dieta, ou simples gosto, o que é uma inovação.

A magnífica sala de jantar, bem mobilada, foi alegremente decorada pelo redactor Dr. Alberto Eloy.

Na nova obra social dos C T T, destinada a servir em especial o numeroso grupo de funcionários que há-de vir a trabalhar no novo edifício, devido à natureza de alguns serviços em que o contacto com maquinaria é constante, foi montado anexo um balneário com instalações separadas para homens e senhoras, onde por preços extremamente módicos se fornecem banhos quentes e frios.

Os serviços dos C T T em que se aglomeram centenas de servidores começam a ter comodidades que os tornam dignos de atenção e os colocam na vanguarda dos serviços públicos portugueses. As Obras Sociais esperam poder completar o que se fez agora, com a instalação de um Infantário destinado aos pequenos filhos das funcionárias durante as horas de serviço, dotado de uma assistência infantil concebida em novos moldes.

Estes novos benefícios sociais constituem portanto um complemento valioso do apetrechamento e remodelação dos serviços.

Discurso do Intendente das Obras Sociais dos CTT, Dr. Manuel Machado

Às Obras Sociais, onde a gratidão e o reconhecimento não são palavras vãs, coube a difícil mas grata e honrosíssima missão de reunir à volta de V. Ex.ª toda a Família dos CTT, representada, por imposição de espaço, pelos seus mais próximos colaboradores.

Desejamos testemunhar-lhe, no dia em que completa o segundo decénio na condução dos CTT, toda a veneração, estima e agradecimento, por tão alto ter elevado e dignificado a Casa que servimos. E também por ter dado ao Govêrno de Salazar a possibilidade de criar a prestigiosa e já notável Obra Social dos CTT, que tão relevantes serviços vem a prestar, há 6 anos, aos seus servidores. Tudo isto, e o mais que as minhas descoloridas palavras não sabem expressar, encontra-se gravado no coração de todos nós.

O reconhecimento a quem deu aos CTT 20 anos de indiscutível e superior valor, de esforços sobrehumanos e de saúde, impunha que esta homenagem, por ser de gloriosa vitória alcançada, se revestisse das maiores galas para agradecer a quem tudo se deve.

Porém, indo ao encontro do pensamento de V. Ex.ª, pouco se fez e com a maior simplicidade e modéstia. De grande só existe o significado do acto que vivemos.

Para que se recorde o dia de hoje, com a certeza do maior agrado de V. Ex.ª, inaugura-se, com este jantar, a nova e importante cantina onde nos encontramos, cujas instalações o Ministro dos CTT franceses realçou e elogiou, em visita que se dignou fazer ainda há poucas semanas.

Meus senhores

Não me cabe falar da «Obra» realizada durante os últimos 20 anos «A bem da Nação», pelo nosso ilustre e querido Correio-Mor, «homem raro, raro pelas suas virtudes, pela sua dedicação ao bem público e pela sua firmeza», segundo o conceito do saudoso e grande Ministro Duarte Pacheco. Ainda há momentos tivemos o prazer e a honra de a ouvir apreciar por quem tinha autoridade e competência para o fazer.

Seja-me, porém, permitido afirmar, talvez apaixonado pelo Sector que me foi confiado, que considero a Obra Social dos CTT a mais grandiosa e de maior projecção futura que conta o «activo» dos serviços prestados pelo nosso Correio-Mor.

Por ser cristã, e por isso humana, vale bem mais do que os milhões de escudos, ouro dos portugueses, que S. Ex.ª soube habilitar o Governo a poder conservar no nosso País. E é de mais difícil realização do que toda a grandiosa e prestimosa obra material despendida a favor dos Correios, Telégrafos e Telefones.

Devo, por isso, em rápida síntese, referir alguns índices relativos às várias actividades das Obras Sociais, criadas por generoso despacho de S. Ex.ª o Ministro das Comunicações, de 16 de Junho de 1947, e oferecidas ao pessoal nestes últimos 6 anos. As suas raízes já as protegem contra qualquer intempérie que acaso venha a desencadear-se. E os seus frutos são encanto e beleza para aqueles que têm a ventura de os possuir, e motivo de mágoa para os que só os conhecem por tradição e elogios.

Permita-se-me breve referência aos benefícios, para não dizer dádivas, que o pessoal dos CTT já pode usufruir através das Obras Sociais. Cinjo-me ao movimento verificado durante o 1.º semestre do ano corrente.

Higiene da maternidade — *oferecida gratuitamente às empregadas dos CTT e às mulheres dos empregados. Assistiram-se 218 grávidas e efectuaram-se 115 partos.*

Higiene infantil — *prestada gratuitamente às crianças até 1 ano de idade. Nestes 6 meses assistimos 642 crianças.*

Fornecimento de alimentos — *distribuiram-se 3,4 toneladas de leite em pó e farinhas por 309 crianças.*

Fornecimento de enxovais e berços — *A altruista generosidade das nossas funcionárias permitiu oferecer 256 enxovais e berços por intermédio do Centro de Assistência. Muitos mais foram dados directamente pelas CCE aos CTTzinhos.*

Movimento de inscrições — *até 30 de Junho findo encontravam-se inscritos no Centro e suas delegações do Porto e Coimbra 7.780 funcionários e 6.969 pessoas de família, seja um total de 14.749.*

Consultas e visitas médicas — *efectuaram-se 20.633 em 6 meses.*

Cirurgia — *228 intervenções.*

Hospitalização — *211 beneficiários recorreram ao Centro e suas delegações para se hospitalizarem.*

Elementos semiológicos — *atingiu 4.300 o número de análises, radiografias e electrocardiogramas.*

Serviço de enfermagem — *efectuaram-se 24.222 operações de enfermagem, no Centro e no domicílio dos doentes. Serviço gratuito.*

Farmácia — *nos primeiros 6 meses do ano venderam-se produtos no valor de 1.438 contos. Os descontos sobre os preços correntes deram ao pessoal um benefício de 276 contos.*

Cantinas — *Pouco mais de um mês é passado sobre a data da inauguração do carinhoso serviço de merendas para o pessoal da Estação Central Telefónica de Lisboa, e já hoje, V. Ex.ª, Senhor Correio-Mor, se dignou inaugurar esta outra cantina, honrando com a sua presença as Obras Sociais, e com a assistência a esta primeira refeição dos ilustres dirigentes da Administração-Geral.*

Marca V. Ex.ª, por este modo, uma nova e importante fase no progresso e desenvolvimento do já vasto campo assistencial dos CTT.

Os funcionários de Lisboa e respectivas famílias ficam desde já beneficiários de 3 cantinas: a dos Restauradores, a do Terreiro do Paço para o pessoal da ECF e esta hoje inaugurada neste grandioso edifício da Praça D. Luís.

A natureza e a qualidade das refeições é demonstrada pelo número de refeições servidas no 1.º semestre do corrente ano, que foi de 21.310.

Colónia de Férias — *Na Costa da Caparica, na linda e aprazível Colónia de Férias «Um lugar ao sol» possuem os CTT 4 pavilhões para os seus funcionários e respectivas famílias.*

No corrente ano 591 serão os beneficiários que em todo o País dela se terão utilizado.

Bolsas de Estudo — *Concederam-se, relativamente ao penúltimo ano lectivo, 130 bolsas de estudo, no total de 67 contos.*

Balneários — *No inquérito recentemente feito os balneários existentes neste edifício foram motivo de gerais elogios por parte dos seus beneficiários.*

O número de banhos durante os primeiros 6 meses deste ano, foi de 4.741.

Aspecto do jantar de inauguração da Cantina no edifício da Central Telegráfica

Fundo Especial de Assistência — *Com a receita proveniente da venda de vinhetas das Obras Sociais foi possível criar-se este Fundo destinado a auxiliar funcionários em casos de reconhecida necessidade.*

Já se concederam, no 1.º semestre de 1953, 339 subsídios no valor de 230 contos.

CDCR — *O Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT — Centro de Alegria no Trabalho — não podia faltar à homenagem que hoje se presta ao seu Ilustre Sócio Honorário n.º 1, o nosso Correio-Mor. E, por isso, a sua Direcção, a que tenho a honra de presidir, foi hoje, pessoalmente, testemunhar a S. Ex.ª o seu profundo agradecimento pelo amor, entusiasmo e auxílios recebidos.*

Em Lisboa, presentemente, o número de sócios do CDCR é de 2.300.

Meus senhores

Quaisquer palavras que ainda proferisse para explicar e justificar esta «Obra» deixariam supor que ela não é vivida e sentida pelos possíveis beneficiários, o pessoal dos CTT e suas famílias, computados em cerca de 36.000.

Em nome de todos, levanto a minha taça para beber pela saúde do nosso Correio-Mor e peço a Deus que o conserve muitos anos como ilustre e querido chefe da Família dos CTT.

Discurso do Chefe da Circunscrição da Beira Baixa, António Manuel da Silva, em nome do pessoal das Circunscrições de Exploração

Levanto também a minha voz neste banquete, embora não devesse ser eu, em brinde de congratulação a S. Ex.ª o Correio-Mor, pela passagem dos seus vinte anos de trabalhos e canseiras sem conto, no erguer da nossa casa, que, se não desconjuntada — eu não faço más alusões ao passado em que também houve honrosas dedicações e ilustres personalidades — se encontrava pelo menos vivendo em estagnação, sem a visão de horizontes mais largos que a levassem a passos agigantados para um paralelismo com os progressos de outras nações.

Se havia aspectos na vida dos CTT que ombreavam com os melhores lá de fora, — refiro-me à execução —, isso se devia, não à táctica nova, mas ao espírito honesto dos elementos que constituiam a corporação.

Aparte algumas correcções, e essas naturais num sector da vida nacional que ocupa milhares de funcionários, a regra geral tem sido sempre a honestidade e o espírito de sacrifício; virtudes de que nos podemos vangloriar.

E foi precisamente no atraso da técnica nova, de todos os sectores, que surgiu Couto dos Santos.

Ainda julgo ouvir os primeiros comentários à sua vinda: É um catedrático; seguirá o mesmo ritmo dos outros.

Meus senhores: 20 anos vão passados na voragem do tempo; mas depois da sua entrada, dentre em pouco, as ideias mestras iam surgindo a cada passo; a renovação ia sendo feita, sabe Deus, em certa altura, com que dificuldades perante a finança insuficiente e a necessidade, perante o problema grande de tudo refazer em novos moldes.

Se houvesse quem dissesse, por vezes, que tal obra se pensava, eu digo e sirvo-me dos dizeres de um filósofo: Há quem julgue que o homem de génio ou superior, é o que pensa coisas diferentes dos outros homens. Engano. O homem de génio, não é o que pensa ou, pelo menos, o que pensa coisas diferentes dos outros; mas quando pensa as mesmas coisas, pensa-as de maneira diversa, na sua íntima realidade. Pensa os números, na sua relação com a unidade. Pode dizer o que antes dele toda a gente disse, e, no entanto, dizer uma coisa assombrosa. Como, dirão? Eis meus Senhores o segredo. É a garra do leão a deixar a sua marca.

Couto dos Santos, perante as dificuldades de várias formas, não desanima, antes redobra o seu trabalho insano. O seu pensamento voa de sector para sector; procura quem dê corpo ao seu pensar. Refaz a economia; renova os processos de trabalho; busca a técnica moderna e cria valores.

A magnífica sala de jantar, que comporta 200 pessoas

E as coisas vão caminhando sempre, nestes 20 anos, numa renovação contínua.
E os ensaios continuam e a estabilização vai-se fazendo.
E novos caminhos, do seu pensamento criador, o preocupam em cada dia.
A sua saúde chega a estar abalada pelo esforço e locubrações de todo o momento; mas breve se refaz e de novo caminha. Com mais calma agora, passada a hora da tormenta maior.
E aquele que passou aos olhos de muitos como catedrático sòmente, é hoje, para todos, o homem superior que vê e aprecende de relance; o pensador de iniciativa forte e de visão clara, que tudo domina e em cada particularidade, engrandecendo-se e engrandecendo a vida nacional.
Couto dos Santos é assim um Chefe na grande acepção da palavra; e mais completo ainda, porque possui os dons do coração: a sensibilidade; o dom da persuasão; a sedução pela caridade, de que se conhecem exemplos vivos. A sua memória retém os nomes, os serviços prestados e os acontecimentos.
O seu coração é sensível à verdade e ao bem. Por isso, porque o seu coração não é duro, — como li algures — não é mal servido por escravos que o temem, mas sim bem servido por dedicação de corações que conquistou; e o seu comando não se faz sentir por galões dourados de um uniforme que dê só autoridade por isso mesmo, mas pela eficácia da sua persuasão e da sua bondade, sem excluir a firmeza na disciplina.
Ce n'est point avec l'usure de l'habit que disparait le prestige, mais avec l'usure de l'âme.
Citar a sua obra colossal em todas as suas minúcias, bem escusado é para nós, nem o momento é propício para tal. Obra que o levará na posteridade, à categoria dos maiores. Digo isto, meus Senhores, não como louvores enfatuados, mas na certeza das realidades que vivemos.

Se houve Administrador ou Correio-Mor com iniciativas brilhantes que passaram à história, Couto dos Santos vai a par; e tem ainda o que faltou a tantos: a preocupação, o interesse, o cuidado de ver e orientar cada uma das partes, integrando-se no todo, descendo ao mínimo pormenor de execução e da técnica; o todo, repito, e todos sabem os que assim é, e com a mesma profundeza de reformador.

Couto dos Santos sobe ao mais complexo e desce, desce não, sobe, ao mais comezinho.

Um homem que sobe assim, e digo o que um moralista refere, é uma bênção. E quem não lhe faz justiça; a justiça actual que lhe é devida, apenas corresponde a essa bênção com uma maldição tácita, que é a injustiça do silêncio.

Honra pois ao Chefe da nossa casa; honra e glória que desce até nós que o servimos.

E termino meus senhores, levantando a minha taça em brinde, que do coração sai, pela sua preciosa saúde e prosperidades futuras para bem dos CTT que o mesmo é que para Bem da Nação.

Discurso do Prof. Doutor Carlos Santos, médico do Corpo Clínico das Obras Sociais

Quando, há dias, o Ex.mo Senhor Dr. Manuel Machado teve a grande gentileza de me convidar para o honrosíssimo encargo de proferir algumas palavras nesta reunião, mal avaliava eu que logo de entrada iria ter dois obstáculos a vencer.

O primeiro consistia em escolher os termos com que devia formular o vocativo a utilizar para dirigir-me ao homenageado. Se é facto que por um lado me encontro aqui, como médico, o médico mais velho do corpo clínico que trabalha para os CTT, encarregado de exprimir, em nome de todos, o que todos sentem, por outro lado acontece que o pai de Couto dos Santos era irmão de minha mãe. Couto dos Santos, (meu primo, segundo o conceito normal do parentesco) pela amizade que nos ligá, pela intimidade do nosso convívio, é para mim inteira e justificadamente meu irmão, o meu irmão mais novo.

Como deveria, pois, dirigir-me a ele? Dificuldade foi esta que me surgiu, dificuldade que se apresentou em grau muito elevado.

Perdão. Já sei. Grau... O grau da dificuldade é elevado. Ela é pelo menos do segundo grau. Ora, as equações do segundo grau têm duas soluções. É isso que vou adoptar. Também tem duas soluções o meu problema.

Assim, como médico dos CTT, em meu nome pessoal e em nome do corpo clínico que tem a grande honra e o subido prazer de trabalhar nesta casa, eu dirijo-me a V. Ex.ª, Senhor Correio-Mor, para lhe testemunhar a nossa mais profunda e mais respeitosa admiração. E agora, como primo, ou antes, como irmão mais velho, com aquela mesma ternura enleada com que alguém habitualmente contempla embevecido as provas de valor dum irmão mais novo, dirijo-me na segunda pessoa, a ti, meu querido Luís, para te trazer um grande, um efusivo, um apertado abraço.

A segunda dificuldade consiste em saber por onde começar, nas palavras que vou dizer.

Pois, se medito um pouco no momento que devo tomar como ponto de partida para exprimir o que penso a teu respeito, surge imediatamente perante o meu espírito um quadro, uma cena, que não posso deixar de mencionar.

Essa cena passa-se, porém, há 54 para 56 anos, é ela que me acode à memória nesta ocasião, que irresistìvelmente se me impõe e me leva a invocá-la. Tinha eu então 8 para 10 anos, se não estou em erro, e acabara de inventar um balão que se movia em condições muito especiais. Lembro-me muito bem dos desenhos que então fiz. O balão era esférico e a barquinha, de grande comprimento, com a configuração de um verdadeiro comboio, era muito maior que o bojo do balão.

A originalidade do invento, porém, consistia no motor. Como ele era ao certo, não me recordo já. Lembro-me apenas que era movido por meio de um fole e que, uma parte do vento produzido se aproveitava para pôr em andamento o próprio fole

e assim o motor funcionava sem necessidade de qualquer combustível. Tinha eu inventado, sem o saber, o motu-contínuo.

Durante algumas semanas eu entretive-me a fazer desenhos, a acrescentar pormenores, a encher a barquinha de comodidades e apetrechos vários, pois nem por um momento me passava pela cabeça duvidar da eficácia do motor.

Quando entendi que tudo estava pronto, fui-te apresentar o problema a ti. — A mim?! — Dirás tu. — Pois sim, a ti não podia ser. Mas então, como o cordeiro da fábula, eu direi: — Se não foi a ti, foi a teu pai. — E assim era de facto.

E com a mesma nitidez, com que, perante os meus olhos, surge o meu maravilhoso invento, eu recordo comovidamente a paciência com que teu pai me atendeu. Nela, no cuidado com que, sem me ferir, ele me provou que a ideia era absurda, manifestava-se sem dúvida o carinho do tio amigo. Mas havia ali mais alguma coisa que nunca mais esqueci. Havia ali a precisão na maneira de expor o assunto, havia a meticulosidade, o cuidado de tornar tudo bem claro à mentalidade da criança que o consultava, havia a alma de um verdadeiro professor. Havia método, ordenação geométrica no pensamento, ao arrumar as ideias que expunha.

Foram essas mesmas qualidades que eu vim a encontrar mais tarde, como médico dos CTT, não em seu pai, mas em V. Ex.ª, Senhor Correio-Mor, nas reuniões em que trabalhámos juntos, ao procurar pôr de pé os pormenores de que se compõe a sua obra social.

Aquela nitidez de raciocínio que eu admirara outrora e que nunca mais esqueci, dando um salto no tempo, como se 40 ou 50 anos não existissem, tornei a encontrá-la na geração imediata e foi essa uma das facetas que mais profundamente me impressionaram quando, como seu colaborador, o vi tratar tão criteriosamente aqueles problemas. Precisamente como seu pai, também agora V. Ex.ª ordenava as suas ideias, tal como um geómetra arruma cuidadosamente os seus cálculos, sem uma

Instalações da cozinha privativa da Cantina

lacuna, traçando as linhas dos raciocínios como rectas cuidadosamente desenhadas, equilibradas, perfeitas, conduzindo pelo caminho mais curto à finalidade em vista.

Não querendo insistir em tudo o que já foi dito, que eu subscrevo aliás inteiramente e que não poderia fazer mais do que repetir, foi esta faceta que eu desejei invocar ao pegar hoje no lápis para alinhavar estas palavras.

Palavras são elas, que, se vão impregnadas do carinho, da amizade sincera que brota espontâneamente do coração dum irmão mais vélho, são ditadas também pela inteligência fria de quem, habituado a ver homens pensar, tem um prazer sempre renovado ao encontrar alguém que sabe manobrar os raciocínios como quem comanda um instrumento de precisão. E isto sobretudo quando verifica depois que essa pessoa também sabe dirigir, que tem o estofo de um chefe e que finalmente sabe executar com o pulso de um homem de acção, realizando por fim uma obra admirável como aquela que foi levada a efeito nestes 20 anos pelo Correio-Mor.

Assim eu, neste momento, ao mesmo tempo que em nome de todos os médicos dos CTT aperto a mão do Correio-Mor com a admiração e o entusiasmo consciente do colaborador, ao mesmo tempo cinjo Couto dos Santos comovidamente de encontro ao coração, com a ternura afectiva dum irmão profundamente amigo.

Notas do Discurso do Chefe de Repartição da Direcção dos Serviços Industriais, José Mendes Freire Júnior

O orador quis vincar a profunda diferença entre a época presente e a dos seus tempos de funcionário da Exploração. Recordou e comentou factos antigos, susceptíveis de esboçarem as condições de vida dos CTT num tempo bastante conturbado e, a propósito, aludiu à sua acção no movimento de 28 de Maio de 1926.

Congratulou-se por ter contribuído, de alguma maneira, para que os CTT tomassem novo rumo, e referiu várias e notáveis realizações que creditam os 20 anos de gerência do engenheiro Couto dos Santos. Por fim, comparando as duas épocas por si vividas como funcionário, extraíu conclusões que destacam os progressos materiais conquistados e a coesão e a disciplina que caracterizam, na actualidade, o nosso ambiente de trabalho.

Discurso do Administrador-Adjunto, Engenheiro Duarte Calheiros

O facto de eu ser o mais velho dentre os Administradores-Adjuntos em exercício confere-me o privilégio de fechar esta brilhante série de brindes pronunciando algumas palavras em nome do grupo de funcionários que diária e directamente privam com V. Ex.ª.

Duas décadas ao serviço dos CTT no mais alto posto da sua hierarquia é facto já de si invulgar.

Se atentarmos, porém, na extensão e profundidade das reformas que entretanto tiveram lugar, no surto que experimentaram os tráfegos postal, telegráfico e telefónico, e no desenvolvimento que atingiram as correspondentes instalações, o acontecimento transcende o âmbito dos CTT e toma foros de nacional.

É assim extremamente agradável para o grupo de funcionários aqui reunidos participar neste despretencioso jantar de homenagem, verdadeira festa de família, que se realiza no maior edifício até hoje construído pela Administração-Geral e nas dependências destinadas à respectiva cantina que assim inicia, sob os melhores auspícios o seu funcionamento.

Recordo, neste momento, a afirmação feita por V. Ex.ª há cerca de 20 anos, na primeira reunião de altos funcionários dos CTT a que me foi dado assistir: —«Temos de modificar profundamente os hábitos de trabalho e de vida dos Correios e Telégrafos».

Creio que V. Ex.ª deve sentir-se satisfeito com a transformação realizada, podendo-se afirmar, sem sombra de dúvida, que os CTT gozam presentemente de merecido prestígio tanto aquém como além fronteiras.

Não me deterei a enaltecer a obra levada a cabo por V. Ex.ª durante as duas décadas que terminam. Ela está patente aos olhos de todos que queiram ver e as instalações que neste dia se inauguraram constituem apenas mais um elo da longa cadeia de melhoramentos forjada sob a sábia orientação de V. Ex.ª.

Possui V. Ex.ª, à semelhança do grande e saudoso Ministro Pacheco, o dom de polarizar energias, criando aos seus colaboradores um ambiente de trabalho em que este se executa com dedicação e entusiasmo.

Teve-se a prova desta asserção durante a transferência da Central Telegráfica de Lisboa para este edifício. Chefes de repartição, engenheiros, condutores, mestres de oficinas, electricistas e operários trabalharam, quase sem interrupção, durante as últimas quatro semanas, com uma aplicação e um zelo que constituem a melhor homenagem que poderiam prestar às altas virtudes de V. Ex.ª.

Senhor Correio-Mor

Eu não desejo enfadar V. Ex.ª com um longo discurso. Vou por isso terminar e estou certo de que interpreto o sentir de todos os funcionários dos CTT brindando pelas prosperidades pessoais de V. Ex.ª e fazendo votos para que continue durante muitos anos e bons a presidir aos destinos desta Casa, guiando-nos com a sua inteligência e o seu exemplo.

Discurso do Correio-Mor

Esta nossa casa é muito grande. Em vinte anos tenho podido fazer uma ideia da sua extensão e do seu imenso potencial. Pela primeira vez, há bastantes anos, falando pelo telefone para os Estados Unidos, tive a sensação indefinida da sua grandeza. Em outra ocasião, assaltou-me idêntico pensamento, viajando numa ambulância, de Lisboa ao Porto. Vi várias vezes o comboio suspender a sua marcha, aparecer um homem com uma chapa que o identificava como unidade nossa, dar as boas noites ao mesmo tempo que depunha no pavimento da carruagem postal os sacos da correspondência. Pela madrugada a cena repetiu-se em vários pontos e em tantos outros eram grupos de homens que entregavam e recebiam açodadamente verdadeiros carregamentos de malas, e, ao fim, desejavam aos ambulantes «boa-viagem». Outros casos, a atestarem os dilatados limites deste departamento poderia lembrar, mas passo ao último que nos foi dado presenciar: a inauguração da nova telegráfica de Lisboa. Dotada de moderna e numerosa aparelhagem, instalada em grandes compartimentos de uma das alas deste imponente edifício, construída, montada pela competência e pelo dinamismo de alguns dos sectores técnicos que fazem parte deste todo, esta central é bem um testemunho eloquente da nossa riqueza técnica, parcela apenas do potencial que acciona os CTT. A série dos acontecimentos emocionantes desta data, revolvendo a cada momento reflexões e recordações, acorda no meu espírito uma vibrante admiração pela grandeza monumental do conjunto dos nossos serviços. E tenho por oportuna a sua manifestação nesta hora.

Eu não precisava de demonstrações como esta para saber que todos vós sois bons e dedicados. Conheço bem os CTT através do convívio diário destes 20 anos, através da sua conduta em alguns momentos difíceis, pela contribuição que cada um dos seus servidores trouxe, com grande soma de sacrifícios, ao ressurgimento que ainda realizamos.

Recordou alguns factos comprovativos da dedicação profissional dos funcionários, e, prosseguindo com palavras de agradecimento dirigidas aos oradores que pouco antes tinham falado, disse:

Várias pessoas quiseram falar nesta reunião festiva — continuou — *e todas quiseram ser generosas, senão indulgentes, nas suas afirmações. A todos agradeço pela melhor*

forma que posso. Agradeço ao nosso Intendente, mais ainda do que tudo o que há pouco disse, o entusiasmo e o carinho com que dirige as Obras Sociais, serviços que demonstraram já a possibilidade de se praticar o bem de que carecem algumas camadas da sociedade. Falaram António Manuel da Silva e Freire Júnior, homens da velha guarda em quem sempre confiei, e para eles vai também a expresão do meu reconhecimento, extensivo a tantos outros que me têm dado valiosa colaboração. Outro orador foi o professor Carlos Santos a cujas palavras mal saberei corresponder. Espírito brilhante e amigo dedicado, quis recordar numa bela oração os laços de família que nos prendem. Falou em nome dos médicos do Centro de Assistência, homens de ciência que generosamente se têm consagrado ao progresso da nossa instituição social e a quem também significo, em nome dos beneficiados, o maior reconhecimento. Falou, por fim, Duarte Calheiros, que tem sido há 20 anos um amigo querido com quem me tenho encontrado em todas as vicissitudes da luta que tem sido travada para reerguer os CTT. Em todas as circunstâncias tenho podido contar com a sua grande, firme lealdade. Ao agradecer as suas palavras, desejo salientar a confiança ilimitada que tenho no seu nobre carácter e afirmar-lhe que nutro por ele a amizade pura de um irmão mais velho.

Ouvi em tempos um pensador ilustre declarar que a crise moderna resultava quase só da des-sincronização da técnica e das instituições políticas. Esse pensador terminou a sua conferência apelando para os homens de boa vontade para que voltassem a congregar-se como na Idade-Média faziam os componentes das ordens de cavalaria. Na minha maneira de ver, a questão foi posta com elevação e verdade, mas não são os seus fundamentos que desejo discutir perante vós. Os homens, como eu, que pensam ansiosamente no futuro e se sentem já a resvalar no último pendor da vida, divulgam o apelo do filósofo e tornam-no seu, dirigindo-o aos mais novos.

A obra a que se tem aludido hoje constantemente tem de continuar em todo o futuro. Não tem fim porque a evolução também jamais suspende. Poderá um dia parecer realização distinta no tempo, mas será, em verdade, a continuação do que está feito e do que vamos realizar em segunda fase.

A obra, repito, tem de prosseguir em todo o sempre e irá pesar, mais tarde ou mais cedo, nos ombros dos que, por ora, vamos guiando. É a esses que peço se congreguem, se unam sob uma ideia nobre — não é demais dizê-la um ideal cristão — para alcançarem os fins que nós não tivermos atingido.

Lembro-lhes porém — acrescentou — *as condições a que têm de se subordinar. A primeira será a de exigirem de si próprios ânimo bastante para uma total oblação do indivíduo ao serviço da causa a que se devotou. Sem essa força de ânimo, a dureza de circunstâncias talvez próximas poderá vencê-los. Outra condição — ou voto, se quiserem — é a honestidade. Faltando ela, poderão praticar-se aparatosas habilidades — nunca se fará uma obra. Lembro também a firmeza, que não pode faltar a quem manda e a quem deve obedecer, se não se quiser ver as melhores concepções reduzidas, na prática, a mesquinhas realizações. A iniciativa não será a menor condição que se devem impor os futuros homens de boa vontade. Sabeis que há veículos motorizados e veículos atrelados, uns e outros com a sua utilidade, mas reparai que, sem os primeiros, estes não arredam um centímetro do ponto onde estiverem. Tal qual os homens, que se dividem em «condutores» e «travados». Se alguma vez aqueles existirem em muito baixa minoria, mal de todos — e mal das obras. Cito, por último, a disciplina. Importa que exista em toda a parte, mas nos CTT mais do que em muitos departamentos civis. A disciplina permite a coordenação de esforços e soma, em consequência, os resultados do trabalho colectivo. Sinto ser uma das pujantes virtudes dos organismos com alguma missão útil.*

A medida que os anos passam esta Casa enriquece-se cada vez mais com a colaboração de um escol notável de peritos de diversas especialidades, élite que se caracteriza pela reunião daquelas condições que lembrei há pouco.

Vou terminar, dizendo que me considero um homem feliz porque me sinto envelhecer rodeado de amigos. Esses amigos sois vós: os presentes e os que alguns de vós aqui representais.

III

OUTRAS MANIFESTAÇÕES DE APREÇO

Homenagem do Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT ao Correio-Mor

O pessoal dos serviços internos e externos e as secções das Obras Sociais apresentaram cumprimentos ao Correio-Mor, directamente ou por telegrama. Digna de especial menção a atitude da Direcção do Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT, que ofereceu ao Chefe supremo da corporação, como penhor da mais alta admiração de todos os sócios do CDCR, o emblema daquela secção das Obras Sociais, peça de ouro esmaltado, cravejada de pedras preciosas, que lhe foi apresentada num pergaminho primorosamente executado pelo redactor Dr. Alberto Eloy.

Como presidente da referida Direcção, o dr. Manuel Machado afirmou que era com o maior prazer e compenetrado do que representava para os CTT o aniver-

Os directores do C. D. C. R. com o Correio-Mor

sário que se celebrava naquela data, que, pessoalmente e em nome dos restantes funcionários que o acompanhavam, cumprimentava o Correio-Mor. Recordou em breves palavras o patrocínio do homenageado a todas as iniciativas tendentes a desenvolver o CDCR e salientou a acção do Correio-Mor na obtenção de autorizações para serem concedidos auxílios pecuniários à instituição. Ao entregar o emblema, invocou a qualidade de sócio honorário número um do engenheiro Couto dos Santos, a quem, de novo, significou a admiração e a respeitosa estima dos que ali tinham ido para o saudar.

O Administrador-Geral tomou o pergaminho das mãos do dr. Manuel Machado ao mesmo tempo que traduzia o seu reconhecimento pela gentil lembrança dos membros da Direcção do CDCR e, em especial, pelo seu profundo significado. *Aquele dia* — disse em seguida — *era afinal como qualquer outro. Só o coração bondoso das pessoas dos CTT e a benevolência de um Ministro o tornava diferente dos demais.* Entendia que a sua vida pública nestes vinte anos não merecia estas demonstrações. Entrara para a Casa animado da melhor boa vontade, é certo, mas todos estes anos os passara, ali, rodeado de uma pleiade notável que muito o ajudara a conduzir a nau. Porque reconhecia que todos os êxitos se deviam à boa colaboração dos funcionários, mais o sensibilizavam as manifestações daquele dia.

Os cumprimentos do pessoal da secretaria do Correio-Mor

Atitude também significativa foi a do pessoal da secretaria do Correio-Mor, que quis apresentar-lhe cumprimentos na data do referido aniversário e juntar às palavras esse testemunho de cativante homenagem que a oferta de um vistoso ramo de flores sempre traduz.

A homenagem do pessoal da secretaria do Gabinete do Correio-Mor

Acompanhado do pessoal da referida secretaria (Juvenal Coutinho, Jaime Chagas, Joaquim Lourenço e D. Palmira Martins, D. Cândida Vieira, D. Fernanda Santos, D. Alice Rodrigues, D. Virgínia de Sousa, D. Regina Silva, D. Lucinda Ferreira e D. Leonor Machado) o respectivo Chefe, Dr. Pompílio da Costa, felicitou o Correio-Mor, em seu nome e no dos seus funcionários. Aquele dia marcava, como declarou, uma data notável na vida dos CTT. Não era seu propósito, nem era para tanto a pessoa indicada, fazer o louvor da obra grandiosa realizada neste espaço de tempo, e, por isso, restava, naquela curta reunião sem alguma projecção além dos seus gabinetes de trabalho, significar, com a expressão da mais alta homenagem, os melhores votos pela saúde e pelas prosperidades do Correio-Mor. O dr. Pompílio da Costa teve ainda palavras de reconhecimento pelos benefícios que várias reformas trouxeram ao funcionalismo dos CTT. Ao concluir, uma das funcionárias passou às mãos do Correio-Mor o ramo de flores oferecido por todos os presentes.

Visivelmente sensibilizado, o engenheiro Couto dos Santos pronunciou algumas palavras de agradecimento. O gesto daquêle grupo de funcionários tocara-lhe o coração — disse. *Grande era a satisfação que sentia, porque tudo o que se estava passando lhe demonstrava que estava rodeado de pessoas amigas. Acções tão simpáticas já não o surpreendiam, pois há muito verificara que eram pessoas escolhidas as que pertenciam aos CTT: pessoas bem formadas, de um trato encantador e de inexcedível boa vontade. Apesar disso, sensibilizava-o profundamente cada uma das demonstrações que o pessoal preparara para aquele dia. E agradecia a do pessoal da sua secretaria, comovidamente.*

A Imprensa Diária e as Homenagens ao Correio-Mor

A grande Imprensa deu especial e excepcional destaque às comemorações de 26 de Agosto nos CTT. Todos os jornais diários de Lisboa e do Porto publicaram extensos relatos das cerimónias realizadas naquela data, no palácio das telecomunicações, e inseriram gravuras com aspectos diferentes das mesmas cerimónias. Os discursos do Ministro das Comunicações, coronel Gomes de Araújo, do Correio-Mor e do Director Joaquim Correia, foram reproduzidos na íntegra ou quase, tanto na parte em que salientavam a extensão da obra realizada nos CTT, nestes 20 anos, como na parte em que o primeiro e o último ligavam à mesma obra o nome do engenheiro Couto dos Santos. Transcrita foi também pelos jornais a portaria ministerial que assinalou oficialmente o jubileu do actual Administrador-Geral.

No «Diário da Manhã», de 27 de Agosto, lia-se o seguinte introito à reportagem:

É tão justo é o galardão concedido que o pessoal que trabalha nos CTT — representado pelos chefes de todas as secções e outros funcionários, em número superior a um milhar de pessoas — se reuniu no Palácio da Praça de D. Luís para juntar a sua homenagem àquela que o Governo prestou ao sr. eng.º Couto dos Santos. Também foi escolhido o dia 26 de Agosto — do 20.º aniversário da posse do Correio-Mor — para a inauguração oficial do monumental edifício da nova central telegráfica de Lisboa. Na realidade, quem atentar na obra formidável que os CTT realizaram por todo o País nos últimos anos poderá verificar a grandeza e amplitude dessa mesma obra, a substancial diferença em relação ao passado. Quem se não recorda ainda das velhas estações dos correios, acanhadas, velhas e sujas, em que o pessoal trabalhava nas condições mais precárias? Da forçadamente lenta distribuição da correspondência, por maior dedicação, competência e esforço que o pessoal pusesse nos respectivos serviços? Hoje o panorama é totalmente diferente. E não precisamos de insistir neste ponto porque está à vista de todos nós. Claro que não é obra de uma única pessoa, mas de milhares de pessoas a quem o mesmo espírito animou. Simplesmente, cabe ao chefe desses milhares de homens e mulheres, funcionários dos CTT — o Correio-Mor, sr. engenheiro Couto dos Santos — a virtude de ter guiado no mesmo sentido de progresso, engrandecimento e perfeição, esses milhares de espíritos dispostos a bem servir.

A atitude da Imprensa diária de Lisboa e Porto foi bem grata ao pessoal dos CTT, que em massa se associou às consagrações de 26 de Agosto.

OS AGRADECIMENTOS DO CORREIO-MOR AO PESSOAL DOS CTT

Transferência das instalações da Central Telegráfica de Lisboa em data antecipada. Inauguração da cantina da Pràça de D. Luís, assinalada com um jantar festivo. Publicação do Anuário de 1952 também em data antecipada. Ramos de flores, muitos centos de telegramas, cartas e cartões, com palavras agradáveis de ouvir.

Suponho que estas manifestações excederam muito o que deveria merecer um dia que é, afinal, igual aos restantes.

Fico muito obrigado a quantos quiseram juntar ao cumprimento do dever o calor da sua amizade.

Lisboa, 26 de Agosto de 1953.

(a) *Couto dos Santos*
CORREIO-MOR

IV

RELAÇÃO DAS INDIVIDUALIDADES COM DESTAQUE NA VIDA POLÍTICA, CULTURAL, ECONÓMICA E SOCIAL DO PAÍS, QUE ENVIARAM CUMPRIMENTOS AO CORREIO-MOR PELO XX ANIVERSÁRIO DA SUA INVESTIDURA NA ADMINISTRAÇÃO-GERAL DOS CTT

Conselheiro Dr. Albino dos Reis (Presidente da Assembleia Nacional), Dr. Trigo de Negreiros (Ministro do Interior), Comandante Sarmento Rodrigues (Ministro do Ultramar), Engenheiro José Frederico Ulrich (Ministro das Obras Públicas), Dr. José Soares da Fonseca (Ministro das Corporações), Conselheiro Dr. Miguel Homem de Azevedo Queiroz Sampaio e Melo (Presidente do Supremo Tribunal da Justiça), Dr. Pinto Barbosa (Subsecretário do Tesouro), Engenheiro Magalhães Ramalho (Subsecretário do Comércio e Indústria), Conselheiro Dr. Francisco José Caeiro (Procurador-Geral da República), Engenheiro Cancela de Abreu (Presidente da Comissão Executiva da U. N.), Professor André Navarro (Presidente da Junta Central da L. P.), Engenheiro Vargas Moniz (Chefe do Gabinete do Ministro da Economia), Dr. Silva Passos (Chefe do Gabinete do Ministro da Educação Nacional).

Directores-Gerais da Fazenda Pública, dos Transportes Terrestres, das Alfândegas, das Minas, do Ensino no Ultramar, da C. P., do Serviço Meteorológico, da Administração Política e Civil, do Porto de Lisboa e Presidente da J. A. E.

Comandante-Geral da Guarda Fiscal, Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública, Presidente do Conselho Superior dos Transportes Terrestres, Enfermeiro-Mor dos Hospitais Civis, Director dos Serviços de Censura, Provedor da Misericórdia de Lisboa, Inspector-Superior da Polícia Internacional, Presidente da Junta Nacional da Cortiça, Inspector-Superior das Alfândegas do Ultramar, Director do Instituto de Assistência à Família, Director dos Transportes Aéreos Portugueses.

Arcebispo-Bispo de Coimbra, Bispo de Beja, Vigário-Geral da Diocese de Beja, Monsenhor José de Castro, Monsenhor Santos Carreto, Monsenhor António Paulo Marques, Monsenhor Lopes da Cruz.

Governadores Civis do Porto (Dr. Braga da Cruz), de Coimbra (Dr. Eugénio de Lemos), de Évora (Dr. José Félix de Mira), de Vila Real (Major Augusto Sampaio Pinto Sequeira), de Setúbal (Dr. Francisco Corrêa Figueira).

Deputados Professores Doutor Alexandre de Sousa Pinto e Doutor Pinto Barriga, Coronel Gaspar Ferreira, Coronel Salvador Nunes Teixeira, Dr. Luís de Morais Alçada, Dr. Manuel Vaz, Dr. Galeano Tavares, Dr. Manuel Colares Pereira, Dr. J. Santos Bessa, Dr. Manuel Marques Teixeira, Engenheiro Sebastião Ramires.

Visconde de Rio Torto (Juiz Conselheiro), Dr. José Maria Braga da Cruz (Juiz Conselheiro), Dr. Pinto Ribeiro (Desembargador), Dr. Carlos da Silva e Sousa (Desembargador), Dr. F. Carlos T. R. da Costa (Desembargador), Dr. J. Francisco de Azevedo Soares (Carcavelos) (Juiz de Direito), Dr. Carlos Gonçalves Fagulha (Juiz do Tribunal de Trabalho, de Santarém), Dr. Alberto de Meireles (Juiz do Tribunal do Trabalho, de Viana do Castelo).

Professores Doutor Abel de Andrade, Eng.º Pinto Barbosa, Doutor Domingos Rosas da Silva, Doutor Lopo de Carvalho, Doutor João Espregueira Mendes, Eng.º Adriano Rodrigues, Doutor João Porto, Doutor José Sarmento de Vasconcelos e Castro, Doutor Fernando Emídio da Silva, Doutor Caeiro da Mata, Eng.º Ferreira Dias, Doutor Antunes de Azevedo, Doutor Sebastião da Costa Sacadura, Eng.º Abram Droz, Doutor Carlos Santos, Doutor Arsénio Cordeiro, Dr. Almeida Costa.

Coronel Adriano Augusto de Figueiredo Dores, Coronel A. Raul Gomes Pereira, Coronel Carvalho Nunes, Tenente-Coronel Fernando de Castro da Silva Canedo, Tenente-Coronel Simões da Mota, Major Luís Alberto de Oliveira, Tenente Luís de Sá Nogueira.

Dr. Afonso Zuquete, Dr. Jaime Afreixo, Dr. Augusto Lobo Alves, Dr. Rafael da Cunha Franco, Dr. Querubim Guimarães, Dr. José Carlos Vieira Guedes, Dr. Manuel Duarte Frazão, Dr. Fernando Homem Cristo, Dr. Amadeu de Miranda Mendes, Dr. António Campos, Dr. Alexandre de Almeida Garrett, Dr. Armando Gois, Dr. Henrique Costa Alemão, Dr. António de Vasconcelos Marques, Dr. Augusto de Castro, Dr. Cortez Pinto, Dr. Francisco Calheiros, Dr. Humberto José Pacheco, Júlio Caiola, Dr. José Guedes de Campos, Dr. Fernando Aires de Azevedo, Dr. Carlos de Sousa Rego, Dr. Alberto Pinheiro Torres, Dr. José de Sousa Machado Fontes, Dr. António Capelo Jales, Dr. José Maria de Sacadura Bote, Dr.ª Domitília de Carvalho, Dr. Vasconcelos Carvalho, Dr. Francisco Pinto Coelho, Dr. Francisco José da Costa Félix, Dr. Mário Botelho Gonçalves, Dr. Fernando Bandeira de Lima, Dr. Elísio de Melo Montargil, Dr. Jorge de Medina Monjardino, Dr. António Meireles do Souto, Dr. Albino Tavares de Almeida, Dr. António Maria Pinheiro Torres, Dr. Miguel de Almeida Pile, Dr. José Neves Tavares, Dr. José Teixeira de Queiroz, Dr. Herculano Rocha, Dr. Mário da Costa Roque, Dr. André Velasco, Dr. Patrício Gouveia, Dr. Luís Gonzaga Pinto e Abreu, Dr. Manuel Nazaré, Dr. António Martins Moreira.

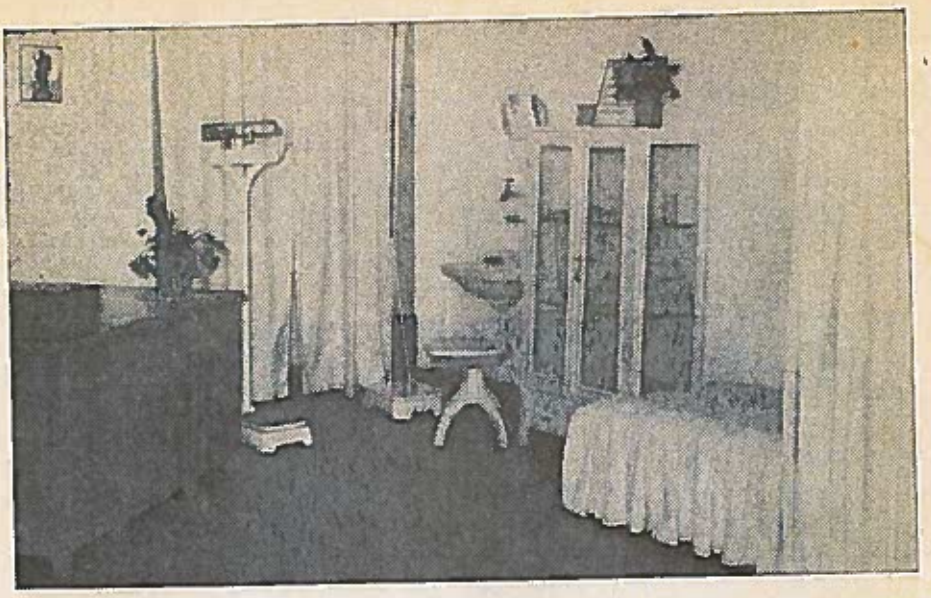
Eng.º Frederico Abragão, Eng.º Carlos Manuel de Sousa Rego, Eng.º Carlos Santos, Eng.º Manito Torres, Eng.º António Pacheco Luís Gomes, Eng.º Sílvio Belford de Cerqueira, Eng.º Henrique Peyssonneau, Eng.º João Carlos Alves, Eng.º Rodrigo Peixoto, Eng.º Humberto Ferraz, Eng.º Armando Ferreira, Eng.º Albano Homem de Melo, Eng.º António de Azevedo Coutinho Lobo Alves, Eng. Carlos Garcia Alves, Eng.º Nicolau João Mesquita, Eng.º Paulo de Barros, Eng.º Luís Delgado Santos, Eng.º Jaime Nogueira de Oliveira, Eng.º Fernando Cameira, Eng.º Júlio Aralla Pinto, Eng.º Arnaldo de Araújo, Eng.º José Barbot, Eng.º Reginaldo Thorp, Eng.º António Leite Pais de Faria, Eng.º Costa Lima, Eng.º António Taveira de Carvalho, Eng. William Menschaert, Eng.º Henrique de Macedo e Faro, Eng.º Guilherme Bonfim Barreira, Eng.º Raul Jales Guimarães, Eng. Serafim Rodrigues, Eng.º José B. de Castro Portugal, Eng.º João Paulo Castelo Branco, Eng.º António Maria Fernandes, Eng.º Italo Rizzetti, Eng.º J. Canto e Castro, Eng.º Constantino Figueiredo Cabral, Eng.º Inácio Xavier Teixeira da Mota, Eng.º Quintela Saldanha.

P.e Manuel Lima, P.e Manuel Baptista, P.e António Almeida, P.e Sebastião Pinto, José Mortágua, António Lima, Amilcar Moreira de Carvalho, José Rosas, Carlos Clavel do Carmo, F. de Vasconcelos Abreu, Raul Ramos Pinto, D. Maria Madalena Quintino Rogado, Duarte de Jesus Rodrigues, Frederico de Brito e Cunha, Manuel de Vasconcelos D. de Figueiredo Sarmento, D. Maria Pacheco, D. Maria Cristina Bordalo Pinheiro, Manuel Gonçalves Monteiro, Assis Gonçalves, Carlos

Eduardo Bleck, António Howarth, Fernando Castelo Branco, D. João Manuel Guilhomil, D. Luís de Albuquerque da Câmara, D. Adelaide Bramão, António Ferreira da Silva, Raul de Oliveira, José Alvaiázere, Percival Ehart, Marquês de Sá da Bandeira, Marques da Costa, Jorge Almeida da Fonseca, António dos Reis, D. Maria Pinto de Macedo, António Nunes de Sousa, Carlos Alberto Pile, Fernando Vilas-Boas Castelo Branco, José Henrique Fernandes, Carlos Elísio de Almeida Pile, Ermete Pires, Raul de Beires Vale, Octávio de Campos, P.e Joaquim da Barca, Visconde de Tinalhas, Francisco Ribeiro de Cepeda, D. Maria do Carmo Carmona, John Belfort Keogh, Mac Pherson, Ellery W. Stone, E. Braz Garcia, José Maria Raposo de Sousa d'Alte Espargosa, Manuel Rosado de Camões e Vasconcelos, António Lobo Antunes, D. Luísa Costa, Barão de Alvaiázere, A. C. Pais Teixeira, etc., etc.

Grupo Coral do C D C R

Sarau recreativo e cultural promovido pelo C D C R no Liceu Camões em Lisboa



Instalações Médicas das Obras Sociais

Protecção à família sob a égide das Obras Sociais dos C. T. T. Enxovais confeccionados por funcionárias para filhos de colegas mais necessitados.

20 ANOS DE REALIZAÇÕES NOS CTT

1933-1953

TÓPICOS DA ACÇÃO ADMINISTRATIVA

Saneamento financeiro pela extinção do déficit apurado em 1933.

Encerramento das contas das gerências de 1930/31, 1931/32 e 1932/33.

Estudo e planificação da reorganização do material e das instalações.

Execução dos planos de reorganização do material e das instalações após a publicação da lei 1.959.

Reconstituição dos fundos de reserva e de 1.º estabelecimento, pràticamente inexistentes em 1933.

Reorganizações dos serviços, quadros e vencimentes do pessoal (decretos 29.225 e 36.155).

Criação da via PORTUCALE como via telegráfica portuguesa para as relações entre a Metrópole e o Ultramar e com o estrangeiro.

Reforma tarifária unificando as taxas postais aplicáveis na permutação entre todos os territórios nacionais e as taxas telegráficas aplicáveis nas relações entre a Metrópole e o Ultramar.

Acordo postal luso-brasileiro que tornou extensivo às relações postais entre os dois países os tarifários aplicáveis nos serviços internos respectivos.

Estabelecimento, por acordos bilaterais, de tarifários reduzidos para as relações telegráficas com o Brasil e a Espanha.

Criação e sucessiva ampliação das Obras Sociais dos CTT.

Revisão tarifária para reajustamento das taxas postais, telegráficas e telefónicas na proporção da desvalorização da moeda.

Recuperação financeira após rápido domínio das consequências da crise económica de 1949/50.

Aumento do rendimento médio por funcionário: 11.115$00 em 1934; 39.635$00 em 1952.

Plano sexenal (1953/1958) para nova remodelação e expansão da Rede Telefónica Nacional, por investimento de créditos concedidos pelo Estado e de recursos dos fundos de reserva dos CTT.

1947-1952

5 ANOS DE ACÇÃO SOCIAL

Criadas em 1947, para os funcionários dos CTT e seus familiares, as Obras Sociais com serviços de assistência médica e de enfermagem, laboratório farmacêutico, cantinas, colónias de férias e bolsas de estudo.

Assistência Médica

Preços

Consultas: 27$00 — Visitas domiciliárias: 40$00 — Análises, radiografias, operações cirúrgicas, etc.: preços de policlínica.

Descontos

Para os diferentes vencimentos até 1.800$00 (vencimento-base em vigor em 1939, sem o suplemento de 90 por cento): descontos, inversamente proporcionais aos valores das remunerações, entre 25 e 80 por cento.

Serviços de obstetrícia, puericultura e de enfermagem inteiramente gratuitos.

Principais resultados em 5 anos de assistência social

Assistência médica:

Consultas nas clínicas ou em domicílio (clínica geral, alergia, reumatologia, cardiologia, doenças pulmonares, estomatologia, fisioterapia, gastroenterologia, ginecologia, obstetrícia, oftalmologia, ortopédia, otorrino-laringologia, pediatria, psiquiatria, urologia, etc.)	139.285
Cirurgia (operações de todos os géneros, incluindo transfusões) ...	1.610
Elementos semiológicos (análises, electrocardiogramas, electroencefalogramas, radiografias, etc., etc.)	40.738
Enfermagem (pensos, injecções, vacinações, etc.)	136.386

Cantinas:

Refeições fornecidas	122.473

Colónias de férias:

Funcionários e pessoas de família que as requereram e utilizaram ...	2.261
Tempo de permanência (dias)	45.020

Bolsas de estudo:

Valor das concessões a funcionários e seus filhos (escudos)	165.065

1933-1952

REAPETRECHAMENTO E REORGANIZAÇÃO TÉCNICA DOS SERVIÇOS

Em 1933-34	Centros de serviço e comunicações postais para transportes de malas	Em 1952
559	Estações	756
172	Postos de correio, telégrafo e telefone	319
6.202	Postos de correio	7.973
19.288.000 Km.	Conduções de malas postais (percurso anual)	21.213.000 Km.

Telégrafo

23.438 Km.	Extensão dos circuitos telegráficos	39.667 Km.

Telefone

414	Estações telefónicas	858
11.000 Km.	Redes telefónicas locais	75.000 Km.
25.000 Km.	Redes regionais e interurbanas	180.000 Km.
30.307 Km.	Circuitos de transmissão em alta e baixa frequência	242.140 Km.
2.379 Km.	Circuitos de transmissão em alta frequência	97.500 Km.
Nada	Cabos (redes regionais e interurbanas)	24.500 Km.
14.678	Postos telefónicos em redes de comutação manual	49.217
Nada	Postos telefónicos em redes de comutação automática	18.359
7,3	Postos telefónicos por 1.000 habitantes	21,7
111	Índice de escoamento do tráfego: número de conversações por Km. de circuito	85

Automatização da Rede Telefónica Nacional

Automatizadas as redes de *Braga, Viana do Castelo, Viseu, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Torres Novas, Tomar, Caldas da Rainha, Setúbal e Évora*

Edificações

665	Edifícios ocupados pelos serviços	960

Construídos 84 edifícios dos diferentes tipos planeados ao abrigo da lei 1959

Capital investido na reorganização do material e das instalações

Anos	*Obtido por Empréstimo do Estado (contos)*	*Dos Fundos dos CTT (contos)*	*Totais (contos)*
1933/36	—	4.100	4.100
1937	300	3.682	3.982
1938	10.828	7.059	17.887
1939	27.761	3.513	31.274
1940	19.648	1.683	21.331
1941	20.425	4.026	24.451
1942	21.038	7.708	28.746
1943	18.320	4.458	22.778
1944	27.807	9.712	37.519
1945	27.122	10.512	37.634
1946	40.048	11.430	51.478
1947	88.401	23.673	112.074
1948	40.240	2.379	42.619
1949	59.226	24.826	84.052
1950	10.250	23.874	34.124
1951	2.378	87.116	89.494
1952	2.836	69.319	72.155
	416.628	299.070	715.698

A Central Telegráfica de Lisboa em actividade

Obras Sociais: Serviço de merendas para as telefonistas de Lisboa, inaugurado em 1953

PRINCIPAIS REALIZAÇÕES EM 1953

Instalaram-se: (a)

4.800 Km. de circuitos aéreos, regionais e interurbanos;
354 Km. de cabos regionais e interurbanos;
8.924 Km. de circuitos interurbanos em alta frequência;
6.300 postos telefónicos manuais e 2.100 automáticos.

Automatizaram-se:

Estação telefónica interurbana de Viseu; Redes de Borralha, Chamusca, Martim e Prado.

Instalou-se em novo edifício na Praça de D. Luís a Central Telefónica de Lisboa.

(a) Números provisórios, arredondados.

Cantina das Obras Sociais dos C T T no edifício dos Restauradores

Filhos de funcionários cantando numa Festa de Natal

Dois Documentos

Ao ser apresentado aos funcionários superiores dos C T T o Administrador-Geral pronunciou em 28 de Agosto de 1933 as seguintes palavras que traduzem a norma de trabalho e de colaboração que dura há vinte anos:

Durante os três anos em que tive a honra de chefiar o Gabinete do antigo Ministro do Comércio e das Comunicações passaram-me sobre a mesa de trabalho numerosos assuntos referentes aos serviços dos Correios e Telégrafos. Sempre os estudei com o interesse que todos me mereciam, mas nunca poderia supor então, como ainda há poucos dias, que um dia viesse ocupar este cargo. Em face, porém, do honroso convite que do Governo recebi, entendi dever aceitá-lo. Procuro corresponder desta forma à distinção que me fizeram, porque entendo que nenhum português deve recusar-se, na hora que vai passando, ao chamamento do Chefe. Só posso encontrar motivo para a escolha que sobre a minha pessoa recaiu na folha de serviço, modesta aliás, que me honro de possuir sem mácula. Para aqui venho com o firme propósito de assim a manter.

Não vou fazer um discurso a V.ª Ex.ª. Apenas direi algumas palavras.

Considero este lugar um posto pouco de invejar. Abandono as comodidades pessoais. Vou trocar a vida modesta e calma do professorado pelas responsabilidades pesadas e graves destes importantes serviços de interesse público. Mas, uma vez que assim é necessário, trabalharei com V.ª Ex.ª, contente, se algo de útil puder fazer. Venho disposto a trabalhar no sentido de que os Correios e Telégrafos prossigam nos melhoramentos encetados, progridam, se elevem e se dignifiquem para merecerem o respeito a que têm jus. Para tanto careço, é-me indispensável, a decidida, franca, leal colaboração de V.ª Ex.ª e de todos os demais funcionários desta casa. Trabalharemos muito, com honestidade, com justiça, com tenacidade calma. Procuraremos aperfeiçoar-nos dia a dia, com os ensinamentos colhidos anteriormente. Seremos disciplinados e disciplinadores. Daremos exemplo aos nossos subordinados.

Que mais dizer a V.ª Ex.ª? Que teremos por lema: SERVIR. Servir a Nação para bem merecer dela. Servir o Governo e o Chefe que tão sàbiamente a conduz. E que, finalmente, todos nós, desde mim ao mais remoto funcionário da corporação, iremos cumprir sempre o nosso dever — e mais ainda que o nosso dever, quando tanto for necessário.

Em 27 de Outubro de 1933, ao dar posse a alguns novos funcionários, proferiu novas palavras que definiram por completo o regime de trabalho a adoptar. E disse:

Há justamente 2 meses entrei eu nesta sala pela primeira vez para tomar conta da chefia dos serviços telégrafo-postais. Inesperadamente elevado a tão honroso cargo, disse-vos então apenas algumas palavras de generalidade sobre o rumo que, aqui dentro, teríamos de seguir: Trabalhar pela continuação dos progressos encetados pela dignificação dos serviços, trabalhar pela Nação que servimos, em obediência segura e consciente ao seu Governo. No volver destes 60 dias tive ocasião de medir as responsabilidades que assumi, com mais detalhe. E, por isso, já hoje vos posso falar de modo diverso, com a análise de alguns pormenores que então desconhecia.

TEMOS DE MODIFICAR PROFUNDAMENTE OS HÁBITOS DE TRABALHO E DE VIDA DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS.

Quanto à forma de trabalhar, começaremos por ser pontuais, de manhã, na chegada às repartições.

Aproveitaremos completamente os nossos dias, dedicaremos ao serviço toda a nossa atenção, todo o nosso esforço, toda a nossa vontade. Sairemos com a tarefa concluída, com um dia de ordenado bem ganho. Procuraremos ràpidamente actualizar tudo quanto se encontra atrasado, organizar tudo quanto se encontra desorganizado, arquivos e estatísticas, contas e relatórios. Responderemos oportunamente e delicadamente às reclamações que nos apresentarem; organizaremos convenientemente e ràpidamente os nossos processos. Teremos sempre em atenção o rigoroso cumprimento das leis, embora o seu desconhecimento seja muitas vezes, tentador, pelas cómodas situações a que pode eventualmente conduzir, pelas aparentes simplificações que dele podem virtualmente resultar. Procuraremos sempre, com a necessária correcção e diplomacia, a colaboração dos restantes departamentos da administação pública, evitando atitudes de desnecessária intransigência, que conduzem geralmente ao desentendimento e à desorganização. Em poucas palavras posso resumir a atitude que iremos tomar: trabalhar para o Estado como para nós próprios, defender o interesse geral como o nosso próprio interesse.

Relativamente aos hábitos de vida, também há que mudar de rumo. Teremos que disciplinar-nos com a maior severidade, submetendo os nossos actos, por mais insignificantes que pareçam a escrupuloso exame de consciência. Aconselharemos os nossos subordinados, louvaremos os bons, castigaremos os maus, sempre sem paixões, boas ou más, antes cordatamente, pensada e sensatamente. Deixaremos a crítica fácil e o juízo ligeiro. Condição essencial para saber mandar e dirigir, teremos que obedecer, teremos que saber obedecer. *E obedeceremos sem nos diminuirmos; seremos obedientes, não subservientes.*

Pensaremos e falaremos mais nos nossos deveres que nos nossos direitos.

Faremos guerra à intriga e ao anonimato, trabalharemos às claras, de cabeça levantada, dignamente, desassombradamente, corajosamente, com a responsabilidade plena dos nossos actos, das nossas afirmativas e das nossas atitudes.

TEMOS DE MODIFICAR PROFUNDAMENTE OS HÁBITOS DE TRABALHO E DE VIDA DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS.

Exposição de trabalhos artísticos executados por pessoal dos C T T e promovida pelo C D C R

Em 31 de Dezembro de 1953
acabou de imprimir-se
10.000 exemplares
nas Oficinas Gráficas de
RAMOS, AFONSO & MOITA, LDA.
impressores, em S. Vicente de Fora
LISBOA

CTT
PORTUGAL